



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

Correio
Editorial

Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel.
Pode abrir-se para
verificação postal.

DE00442018AN



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

12 de Outubro de 2019 • Ano LXXVI • N.º 1972
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

BENGUELA

Padre Manuel António

HOJE é Domingo. Como é habitual, tivemos a celebração da Eucaristia, com a presença de toda a família da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Alguns membros doutras comunidades costumam participar também. É, sem dúvida, uma das horas muito queridas da nossa vida. O Pai do Céu vem ao nosso encontro com a Sua Palavra. É um foco de luz muito forte para encher os nossos corações. Temos, deste modo, um caminho seguro ao longo do nosso dia a dia. Neste Domingo, a Palavra de Deus apresentou-nos a posição dos ricos e dos pobres, perante o Reino de Deus, mediante a parábola do rico e do pobre.

Duas pessoas, segundo a parábola, ocupam o quadro. Uma é rica e não carece de nada: Banqueteava-se com esplendor, todos os dias. Junto a este homem, encontra-se um mendigo, miserável. A sua situação é gravemente necessitada. Faminto, coberto de chagas que os cães vêm lamber. Sem dúvida, o contraste entre a proximidade física das duas pessoas e a distância no seu estilo de vida é muito escandaloso. É a primeira cena que Jesus quer condenar, não há dúvida. A segunda cena passa-se, na outra Vida, depois da morte. Lázaro, o pobre, goza no Céu, enquanto o rico sofre no inferno. Não se trata duma compensação pela vida que levaram. É, sim, um prémio e um castigo. E o que se castiga no rico não é a abundância de bens que possui, mas a sua atitude desumana negando-se a socorrer o pobre. O rico fica condenado por ignorar a presença do pobre necessitado à sua porta. É necessário abrir o coração, ter um coração sincero que quer trabalhar com amor e com justiça. Sem esta disposição, nem os grandes milagres conseguem mudar o seu comportamento. A situação que a parábola nos descreve continua a existir, em nossos dias. É também verdade que não entraremos no Reino de Deus, sem pôr os bens dos ricos ao serviço dos mais pobres.

Queremos, na verdade, o mundo melhor? Uma das vertentes mais preciosas para alcançar este objectivo está na partilha de bens, cheia de amor, dos ricos com os pobres. Deste modo, teremos um mundo mais feliz, mais justo. Os

Continua na página 3



Com uma par de anos, era a Casa do Gaiato de Malanje

VINDE VER!

Padre Quim

À beira da lagoa

A natureza é uma fonte de energia renovadora das forças fatigadas pelo trabalho do dia, quando apreciada com os olhos de dentro! “O essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração”. A verdadeira beleza vem de dentro, e é de lá donde tudo retoma vigor e alento. Ela é uma fonte de inspiração para artistas e para os cientistas, para crentes e ateus, afinal todos somos filhos do Pai do Céu.

A lagoa tem uma longa história. No silêncio da baixa da aldeia corre lentamente, e sem parar, um fio de água que atravessa quase dois quilómetros, já dentro da nossa propriedade, e vai ter ao pomar de baixo, juntinho ao alinhamento das mangueiras. Lagoa do encanto dos nossos rapazes que, teimosamente ao longo do dia, a visitam para a pesca. Às vezes, só para molhar mesmo o anzol. Lagoa do encanto da cidade e dos seus moradores. Lagoa das águas serenas, foste durante os anos da guerra o aconchego das famílias de Malanje, à beira de si, reanimaram-se projectos e sonhos da juventude,

consertaram vidas esfarrapadas, como num espelho natural, projectavas o sorriso no rosto dos visitantes. Oh! lagoa da nossa infância. Que saudades! Foste uma sala bem apetrechada e climatizada de psicoterapia sarando as feridas e traumas da guerra. E apesar de passares mesmo perto da escola e da casa 3, não incomodas, nem os alunos, nem os moradores. Na propriedade toda a terra é fértil, de capim alto, de queimadas constantes no tempo de “cacimbo”. Zona de caça do veado, da corça e da lebre espartalhona que vem beber água fresquinha nas margens da barragem junto à encosta, que só com a luz encandesciente do farolim se deixa dominar. Então a rapaziada animada salta da carrinha e corre veloz pelo mato dentro depois do soar do cartucho e volta com a presa nas mãos. Ao passar pela avenida um tapete roxo surpreende quem o avista. Não veio da industrial têxtil. São flores de jacaranda, que ao som do vento embalarão até adormecer no chão de areia fria.

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Precariedade

SÓ depois de visitar os Pobres se pode ter uma ideia aproximada da realidade que vivem. O galopar das horas e dos dias, não nos deixa tempo, por vezes, para irmos sentir, para compreendermos, a vida deles.

Desta vez, não hesitei: «Amanhã irei a vossa casa», disse a uma jovem mãe de duas crianças de tenra idade, que viera ter connosco, não por sua iniciativa mas pela de uma tia que acreditou que poderia, junto de nós, alcançar ajuda para a sua sobrinha.

No dia seguinte não falhei. Ainda manhã cedo, estava-lhes à porta. De um lado, a tia, do outro a pequena família, mãe e os dois filhos, abandonada pelo pai deles que há meses os deixara, abalando para o estrangeiro sem mais nem sinal algum.

A casa, de antigo lavrador, era ocupada por partes, por eles e por outras pessoas. A parte deles custa-lhes três quartos dos abonos de família que recebe dos filhos, único rendimento. A quarta parte não chega, normalmente, para a luz e a água. E para as outras despesas essenciais, onde obter o dinheiro? Socorrem-se da família, que nem sempre pode atender.

Esperei algum tempo por que me mostrasse o contrato de arrendamento, que não apareceu; somente encontrou uma declaração das Finanças, o que foi suficiente. Entretanto, enquanto aguardava, a tia ia-me falando da sua própria vida e das dificuldades que passou com o marido. Apesar delas, foi persistente, nunca saiu de casa, e as coisas melhoraram com o passar do tempo. A vida de um casal tem, normalmente, momentos ou fases difíceis de ultrapassar. Noutros tempos, a coacção social e familiar e os normativos religiosos iam travando e adiando tomadas de decisões drásticas, de separação e de divórcio. Hoje, como tudo é relativo e livres as opções pessoais, nada impede nem coage à separação e ao abandono. Muitas vezes, não se fica por aqui; revoltada uma das partes do casal, ferida nos seus sentimentos, parte decididamente para o aniquilamento do outro, destruindo-o e destruindo-se. A gravidade destas situações, demasiado comuns nos nossos dias, deveriam merecer uma outra atenção e orientação, que não só a da aplicação da lei. De uma sociedade moralista, de outros tempos, passamos a uma sociedade laxista ou amoral. Também neste caso, a virtude encontra-se no meio; é preciso valorizar mais a apreciação moral, sem cair num moralismo antiquado, e acentuar menos a apoio na lei, que pouco ou nada vem resolver depois do mal feito.

Chegara pois a jovem mãe, trazendo o mais novo ao colo. Que lindo menino; como é possível um pai abandonar assim a sua família, pensei!

Quando tanto se fala de precariedade, especialmente laboral, o que é importante sem dúvida mas não decisivo, normalmente, para a vida das pessoas, era bom que se falasse também da precariedade matrimonial e da família, essa sim, tantas vezes decisiva para os pais, os filhos e outros envolvidos nas famílias em destruição.

Fomos ao carro e trouxemos algumas coisas para os aliviar do seu estado depressivo, na alimentação e nas despesas da renda e outras, interiormente implicados nesta situação, o que nos fará voltar.

Toda a vida é precária. Mas quem a fez surgir, a alimenta e nos impele, não o é. □

No alto da torre da capela onde fui baptizado, recebi a confirmação e onde celebrei a Missa nova um sino novo marca a hora das actividades. A comunidade ocorre apressada. Levantar, tomar a refeição, rezar, estudar, recrear e voltar a deitar para o descanso merecido. Na zona do café outro espectáculo da mãe natureza. Tudo revestido de cor, luz e vida. Passam-se os tempos e com ele as gerações de rapazes. Encontrei uma comunidade

bastante nova. Já com outros filhos nos braços da mesma mãe — a Casa do Gaiato. A conclusão é de Pai Américo “A Obra recebeu inspiração no conhecimento actual de quanto sofre a criança abandonada dentro dos tugúrios, dos pardieiros, a dormir nos beirais das casas e nas retretes públicas; sem família, sem carinho, sem amigos; entregues absolutamente a si mesmos, desprevenidos, enganados na rota”. □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Nico Semedo

BOLETIM «AMA» — Junto com esta edição d'O GAIATO, vai mais um número do Boletim «AMA». Se algum assinante não o receber devido a algum lapso, pedimos que nos informe para lho podermos enviar.

VINDIMA — Em finais de Setembro fizemos a nossa vindima. Começamos pela vinha da mata, onde cortámos os cachos de uvas para as dornas. De vez em quando, parávamos um pouco para comer uvas. Eram muito doces. Quando o dia terminava, despejámos as dornas para o atrelado do tractor. O «Meno» pegava no tractor e ia levar as uvas à Adega. A vindima foi fixe, mas não deu muita produção.

FUTSAL — No dia 28 de Setembro, fizemos a apresentação da nossa equipa de Futsal. Primeiro, o Bruno e o «Merendas» montaram as barracas, onde se venderam comidas e bebidas para obter fundos para as despesas da equipa.

O «Joaninha» marcou o campo para o jogo de apresentação que íamos fazer com a equipa da A. R. Freixeiro.

No princípio da festa, actuou o Duo Broa de Mel. Depois foi a apresentação dos nossos novos equipamentos. Finalmente foi o jogo, que nós ganhámos por 8-3. Quando acabou o jogo, fomos comer e tomar banho. Foi um dia muito bom.

CAMPO — Já fizemos a silagem do nosso milho. Este ano tivemos uma colheita muito boa. O sr. Jorge regou muito bem o milho no Verão. O nosso gado vai crescer e engordar com a nossa silagem. Assim as vacas irão dar bom leite para o nosso pequeno-almoço. □



MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

ESCOLAS — Em meados de Setembro tiveram início as aulas dos Rapazes desta comunidade, que frequentam várias Escolas desta região, que indicamos: Jardim de Infância, Escola do 1.º Ciclo de Rio de Vide, Escola Básica e Secundária de Miranda do Corvo, Escola Secundária da Lousã, Escola Beira Agueira (Penacova) e APCC — Conraria. Agradecemos aos nossos amigos e amigas que nos deram material escolar, que foi distribuído conforme as necessidades e se deve estimar. Quanto aos livros adoptados, foram-se buscar livros usados ao Agrupamento e tiveram de se comprar outros, cuja factura (para já) é de 1.103,05 €. O estudo na nossa escola é orientado por professores destacados, quando se regressa a Casa. É

fundamental o respeito com aqueles que nos ensinam e ajudam a crescer e aprender, em Casa e nas escolas.

D. DEOLINDA — No dia 30 de Setembro, segunda-feira, pelas 19 horas, o nosso Padre Manuel e o Marcelino (acólito) participaram na Missa de 30.º dia do falecimento da senhora D. Deolinda Maria Patrício Morais, na Sé de Aveiro — Paróquia de Nossa Senhora da Glória. Nasceu em 7 de Fevereiro de 1926 e faleceu em 31 de Agosto passado, com 93 anos. Foi uma *alma* do Hotel Imperial, em Aveiro, reconhecida publicamente no sector da hotelaria, pela sua dedicação e bondade. Era uma pessoa muito amiga e devota da família da Obra da Rua; e acolhia sempre com muito carinho os Rapazes e os Padres

da nossa Obra, de passagem pelas terras do Vouga, que gostava de ter à mesa. Como noutros tempos, em que havia regularmente festas da nossa Obra em Aveiro, ficou muito feliz da última vez que foi possível, da nossa Casa, estarem em palco os *Gaiatos do Padre Américo*, com a presença dos saudosos Bispos D. António Marcelino e D. António Francisco dos Santos. Que descanse em paz!

OBRAS — Depois das primeiras pinturas e consertos de carpintaria (no corredor, nos quartos, nas janelas e portas) no rés-do-chão, ainda faltam arranjos no quarto de banho e no chão (tacos) dos quatro quartos, nos quais havia madeiras apodrecidas por infiltrações de águas. A seguir, seguem-se aí a últimas pinturas. No quarto de banho, por baixo da *casa-mãe*, foram colocadas outras portas interiores, resistentes. No exterior, junto ao edifício central e anexo, voltado para o cruzeiro, foi preciso pôr canais de grelha para conduzir as águas pluviais. Antes das obras nos quartos da *casa-mãe* e do 1.º andar, vão-se limpar os telhados da *casa-nova*, do *lar* e da escola. Têm vindo ajudas da sede da nossa Obra da Rua, encaminhadas pelo seu Director, Padre Júlio, e de alguns amigos e amigas, aos quais agradecemos muito as partilhas, pois assim podemos continuar com estas obras tão necessárias. Bem-hajam!

O *mealheiro* da nossa Casa é o seguinte: NIB — 0035 0468 00005577330 18, da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato — 3220-034 Miranda do Corvo; telef. 239 532125; e-mail: gaiatomiranda@gmail.com. □

UM ACHADO...

Manuel Pinto

Vasculhando correspondência antiga, encontrei carta de Pai Américo, datada de 1950, dias após eu ter sido internado numa casa de saúde. Ei-la:

«Paço de Sousa, 30-1-50

Manuel:

Estive ontem aí, mas não te pude visitar por serem horas de silêncio.

Deixei a tua mala e roupas. Mando agora 50\$ para a tua algibeira. Também deixei um crucifixo para o teu leito. Todos te saudam.

Teu amigo

P.º Américo!»

Carta de Pai Américo para filho que esteve hospitalizado durante meses.

Muitas vezes que ajoelho em prece, fecho os olhos e imagino Pai Américo: alto, de batina preta e chapéu de palha. Mãos atrás das costas, umas vezes, outras, braços cruzados ou mãos nos bolsos! “Vejo-o” na varanda da casa-Mãe, andando de um lado ao outro, rezando... Bom Pai que o Senhor chamou aos 68 anos, em 1956.

Direi que o crucifixo que Pai Américo me levou ainda se mantém na cabeceira da minha cama!

Curado e com alegria, regresssei à nossa Aldeia de Paço de Sousa, em 1951. Por tudo, graças a Deus e grato a Pai Américo! □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Notas estivais de ocasião e gratidão

PARA não ficarem escondidas debaixo do alqueire, de simples notas estivais sobre caminhos eclesiais e periféricos andados, em que a tónica principal é a gratidão, atrevemo-nos então a dizer bem de alguns encontros — acontecimentos e pessoas, em comunhão — muito significativos!

Em Maio, de 11 a 16, na Casa Diocesana de Vilar — Porto, decorreu a Reunião anual do Conselho Geral Internacional da Sociedade de S. Vicente de Paulo, marcando os seus 140 anos no Porto e os 180 anos do Conselho Geral Internacional da S.S.V.P., cujo Presidente geral [16.º] é o brasileiro Renato Lima, que orientou com serenidade os trabalhos. Participaram representantes de mais de sessenta países, bem acolhidos pelo Conselho Central do Porto, com Manuel Carvas Guedes à frente. Dando o exemplo de Padre Américo, encontrámo-nos com outros vicentinos, v.g.: Juan Manuel Gómez (Espanha), Sebastian Gramajo (Argentina) — ligado à Causa de Canonização de Frédéric Ozanam — Ralph Middlecamp (EUA) e o P. Bertin Sanon,

dos Religiosos de S. Vicente de Paulo. Para além de assuntos internos, como a mudança de sede, registámos a intervenção do Padre Andrés Motto, C.M. — *Atacar as Raízes da Pobreza* — que referiu o *enorme extermínio de povos nativos* na Guatemala e foi claro: *além do serviço directo com o pobre, a SSVV deve combater com maior esmero as causas que mantêm a pobreza, como os desequilíbrios ecológicos, o crime organizado, políticas e economias desacertadas e a corrupção política*. Os simpáticos participantes foram presenteados com o néctar do Douro e um livro expressamente redigido para esta reunião magna e a reverter para os pobres: *Frédéric Ozanam — Esboço de Cronologia*. Esta publicação foi apresentada depois, em 8 de Setembro, em Guetim (Espinho), celebrando o dia do *trânsito* do Beato Ozanam [1813-1853], que sublinhou: *A caridade é o samaritano que deita óleo nas chagas do viajante atacado. Cabe à justiça prevenir os ataques*. Nesta linha de compaixão e amor, própria duma Igreja samaritana, sobre os vicen-

tininos escreveu Padre Américo: *O samaritano é o homem que o próprio Jesus assinalou. No Seu alto conceito, as obras de misericórdia estão em primeiro lugar*. Pela sua perseverança no serviço desinteressado aos Pobres, imagem de Jesus pobre e sofredor, felicitamos vivamente a grande família vicentina, cujo carisma é sempre actual, na Igreja!

Com outro Verão quente a assustar pelo pavor dos incêndios por serranias, como estas do *Pinhal interior norte*, demasiado queimadas e *eucaliptadas*, quis o Bispo de Coimbra vir celebrar o Dia da Igreja Diocesana na *Unidade Pastoral de Miranda do Corvo*, em 16 de Junho, em que esta família foi chamada a participar e com acólitos seus. Foi o momento certo para pedir a D. Virgílio Antunes para marcar presença no dia 28 de Julho, no Seminário de Coimbra, e disse logo *sim!* Bem-haja!

Ainda em Junho, dia 26, o belíssimo livro *Caminhos da minha terra — Uma história do Pai Américo*, da autoria do Padre José Alfredo Costa (texto), com

ilustrações de Avelino Leite, foi apresentado na igreja paroquial de S. Martinho de Campo, repleta de amigos, com a presença de D. Armando Domingues, Bispo Auxiliar do Porto. Para quem viu nascer e acompanhou este sonho de amigo, por desafio do saudoso e bondoso D. António Francisco dos Santos, tratou-se de um momento muito feliz para todos! Foi escolhida essa terra de Valongo para o seu primeiro lançamento, pois o Padre Américo sofreu nesses caminhos, em 14 de Julho de 1956, um acidente de automóvel que o veio a vitimar dois dias depois, no Hospital de Santo António — Porto. Num gesto muito generoso, o autor quis obsequiar a Obra da Rua com parte da tiragem e a partilha correspondente. Obrigado e esperança, companheiro de Seminário!

Numa tradição louvável, desta feita na capela de Nossa Senhora da Ajuda, em 6 de Julho, celebrámos a Eucaristia no 39.º Encontro dos Antigos Alunos do Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Penafiel. Vinte anos depois da sua fundação, é de lembrar que o *Américozinho do Bairro*, em Setembro de 1897, foi para a rua do Paço, da velha Arrifana de Sousa; e, em 8 de Agosto de 1899, *Américo Rodrigues Monteiro de Aguiar [sic]* habilitou-se com o exame do

2.º grau [4.ª classe]: *fiz exame de primeiras letras mesmo na pontinha do derradeiro quartel do século XX*. Antes, também foi frequentado por Leonardo Coimbra [1883-1936], *convertido* filósofo, que revelou: *Sim, foi no colégio que aprendi a cismar*.

Em 16 de Julho, para celebrar 271 anos do lançamento da primeira pedra do Seminário de Coimbra, fundado por D. Miguel da Anunciação, houve homenagem sentida ao Padre Póvoa dos Reis [n. 1907], sábio de ciências naturais, do qual o bom amigo D. António Marcelino ouviu esta confidência, a chorar: [...] *se Deus põe tanta beleza nestas pequenas coisas, o que não será a beleza da minha alma, a riqueza que Ele me destina, o projecto misterioso que Ele tem a meu respeito, pelo amor que me dá a conhecer em Jesus Cristo seu Filho*. Em Eucaristia, na igreja do Seminário de Coimbra, foram recordados os seminaristas e os formadores desta veneranda casa, incluindo Padre Américo — aluno, prefeito e professor — de quem nesse dia se celebravam 63 anos de passamento — para o *Paraiso*, que desejou para os seus filhos, como S. João Bosco!

Em estreita ligação com a homenagem justíssima, em 2015, no



BEIRE — “Caim” e “Abel” visitam o Calvário...

Um admirador

1. Uma crónica esquecida. Já lá vai um ano e pico. É uma “crónica inacabada”. Como tantas que ficaram pelo caminho. Foi no dia 09.08.18. Reza deste jeito: “Quando os oiço assim, apetece-me *desancá-los*. E sinto-me em revolta, a *sermonear* cá por dentro...”

“Mal me dou conta de que estou a perder tempo e energias em pensamentos inúteis, logo esse *automático*¹ desliga... Minha atenção salta fora do *dedo acusador* e todo eu me centro agora nos meus *três dedinhos amigos*... Eles estão ali a olhar para mim. Com toda a paciência do mundo. Esperam que eu caia na conta do quanto tenho que *reparar* cá por dentro de mim. Sem condenar ninguém. Só *RE+*parar o estragado e pô-lo no seu lugar. *Como Deus manda!*...”

“Lembro aquele *versículo* da minha oração da manhã: “Consolar mais do que ser consolado; compreender mais do que ser compreendido; amar mais do que ser amado”... Fico sereno. A saborear o “é perdando que se é perdoado”. Dou graças ao *Pobrezinho de Assis*. Vê-se que, porque tomou consciência dos maus caminhos que estava a trilhar, decidiu a tempo seguir o arrevesado caminho da sua *conversão pessoal*.”

“Repasso pela minha mente, cada um dos nossos rapazes. Cada um dos nossos doentes. Cada um dos nossos assalariados. Detenho-me no grupo dos nossos voluntários. A que também pertence — por misteriosa decisão d’*A VIDA!* Cada um com sua história (e eu com a minha...). De que resultam mal amanhadas *cabalas mentais* (quadros de referência) que ressaltam automaticamente. Sempre comandadas por seus *estímulos* internos e/ou externos. Olho-os. Vejo-me ao espelho. Na verdade somos mesmo *todos iguizinhos*... O que faz a diferença são as medidas que cada um usa. Eles me ensinam que *eu*

também preciso cuidar das minhas medidas...”

2. Doía-me ter de ficar calado... O que primeiro me assaltou quando, hoje 20.09.19, esbarrei com o título que dera a esta *crónica inacabada*, foi esta *experiência vergonhosa* (Caimnosa...) por que passei: Era Domingo, manhã cedo. A comunidade ainda dormia. Só a *senhora da noite* cuidava da higiene e arranjo dos doentes mais madrugadores. Ao arrumar o carro mesmo ali ao lado da casa onde os doentes são, ouvi as vozes alteradas do Diamantino e da Isabel. Cada um a seu jeito. *Rituais de descarga* em cada manhã. Recordo: Já vai fazer um ano (07 de Novembro e 06 de Dezembro) que esta Casa foi *caimnosamente* assaltada. E, dos *quadros superiores* daqueles *Órgãos do Estado*, saiu a acusação de que P.º Júlio foi *agressivo*, frente às câmaras da TV, ao dizer que *fomos vítimas de um ataque selvagem*. Sinto-me ferver. **NÃO É HUMANO** que, em nome de um *Programa de Humanização*, se venha para a rua a cometer tantos *crimes de desumanização*. Aí o meu automático *caimnoso* começou a disparar: — *Era bem feito que aquela gente da S. Social tivessem um filho assim... Para ficarem a saber o que e o como é ISTO aqui!*..., etc., etc., etc..

Dou-me conta do *meu Caim* à *solta*. E de quanto me doía ter de ficar calado quando, por falta de idade e/ou de saber falar os meus sentimentos, tinha mesmo que *engolir em seco*. A moer ressentimentos e recriminações. E logo penso em tantas coisas boas que, **ainda acredito**, estarão a acontecer, na sequência daquele *vendaval desumanizador*. Ouço Pe Júlio: — *Na S. Social nem todas as pessoas que vieram cá pensam assim*... Puxo o filme atrás e vejo-me, naquela dia 07 de Novembro, a recebê-las à chuva, à porta da nossa

enfermaria. E do acompanhamento que lhes fiz nas primeiras horas da *inspecção*... Realmente, a par do *Caim* que só buscava deficiências para justificar a decisão já tomada, vi o *Abel* de algumas outras que, maravilhado com o que via e ouvia, continha as lágrimas com dificuldade. O corpo fala. *Cumpre-nos saber ouvi-lo*. Assim, ouvi delas muita aprovação e vontade de *CO(m)+laborar* com o Calvário para levar isto para a frente. De cabeça erguida. Frente ao ataque concertado de que estávamos a ser vítimas. Pronto. O meu *Abel* lembrou-me que, às vezes, *há mesmo que cumprir ordens, porque quem manda pode*.

3. Tarda aprendermos a COM+versar... A onda passou e eu fiquei-me na minha de eterno *aprendiz de vivente*. Com a necessidade de *aprender a ver mais longe*. *Ver com o coração*. Mesmo sabendo que *ele mata a gente*, como foi matando Pai Américo... Por isso estou aqui. A ir aprendendo a alinhar com ele. Na descoberta de que, realmente, *toda a acção social é uma acção teológica*. Em pré-sintonia com o Vaticano II, quando nos diz que “para entender o Homem há que conhecer a Jesus” (G.E. 4). Claro que também, para entender Jesus, haverá que ir entendendo o homem... É uma *diáde* inseparável. E muita desta *Caimnada* em que tantas vezes caímos resulta de teimarmos em querer separar o inseparável. Sem prejuízo do clássico “a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Porque um pressupõe o outro. Mas **cada um no seu lugar**. Como Deus manda!...

1 — Gosto de me deixar cair na conta de que os meus *automáticos* também são uma bênção: Podem poupar-me tempo e energia. Só que... precisam de mim para os gerir. Porque, sozinhos, tendem a ir na onda... Tanto funcionam para o bem como para o mal. A mim compete a ingente tarefa de os *Pré+dispor*... □

centenário da ordenação episcopal do Bispo de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva, que recebeu e impôs as mãos ao Padre Américo, a Paróquia de S. Miguel de Bustelo (Penafiel) editou um livro comemorativo sobre a vida deste grande Prelado conimbricense; e, em 24 de Julho, também celebrou a dita ordenação presbiteral, numa Eucaristia na igreja do antigo mosteiro beneditino e com palavras de gratidão!

Em 28 de Julho, Domingo, no Seminário de Coimbra, foi celebrado festivamente o 90.º da ordenação presbiteral de Padre Américo, especialmente numa Eucaristia, presidida pelo Bispo de Coimbra e cantada pelos rapazes da *casa-mãe* da Obra, como foi dado a conhecer neste jornal e noutros meios de comunicação social, pois marcou de forma indelével um acontecimento de enorme alegria. No salão de S. Tomás, na segunda apresentação do livro *Uma história do Pai Américo*, o Padre José Alfredo sintetizou o seu pensamento: *contactar com o Padre Américo é aceder ao sentido da vida, da santidade, do mistério de Deus!* E D. Virgílio apontou o caminho da Causa de Beatificação do Servo

de Deus Padre Américo: *Há pessoas a lutar e que não deixam morrer esta figura, que queremos tenha um impacto ainda maior. A figura do Padre Américo é motivo de grande honra para a Diocese e o Seminário de Coimbra, onde bateu à porta e foi aceite. Que o Padre Américo seja figura inspiradora do nosso modo de estar na Igreja — na senda da caridade, do amor aos pobres, e na promoção das vocações sacerdotais. Bem-hajem os que tornaram possível a celebração deste dia, de gratíssima memória!*

No final de Julho, foi necessário visitar sítios e agregados donde promanam boa parte dos membros desta comunidade, quatro dezenas deles dispersos por vários lugares, nomeadamente da área metropolitana de Lisboa, para revermos *in loco* situações e limitações, tendo em vista a continuidade do *acolhimento residencial*, num quadro legal e de relacionamento permanente com os serviços oficiais, em que surgem às vezes contratempos e pontos de vista diferentes.

Em face das despesas correntes e com obras (necessárias) de arranjos dos telhados e quartos deste velhinho edifício, que acolheu os primeiros gaiatos vai para

80 anos, foi preciso mesmo fazer-mo-nos à estrada, como tem acontecido quando é possível, pois o Domingo é dia de Missa e de estar por casa. Em lembrança agradecida, começamos pela zona de Góis, onde Padre Américo levou os pioneiros a chapinar nas águas do Ceira, em 1937-1939. Depois, no terceiro Domingo de Agosto, como é boa tradição, a comunidade cristã da Figueira da Foz e bons amigos (em férias, nessa bela praia) acolheram de braços abertos alguns rapazitos nas Eucaristias dominicais, ligando o Evangelho à vida de serviço aos pobres. Caríssimo Padre João Veríssimo, bom amigo e zeloso prior, a nossa grande estima e gratidão! No Domingo seguinte, voltámos às terras da Maia (Moreira) e de Vila do Conde (Mosteiró), pastoreadas pelo Padre Augusto, companheiro de Seminário e músico, a quem agradecemos a oportunidade de celebrar a Eucaristia nessa *catedral*, com amigos, cuja história monástica nesses sítios remonta ao século IX. Obrigado!

No início de Setembro, urgiu ir ao encontro de algumas chamadas aflitivas, ajudando discretamente membros débeis, com a devida *protecção de dados* que a lei exige

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

pobres, os miseráveis, são uma verdadeira chaga social. Estamos a referir aqueles que têm uma forma de vida indigna da pessoa humana. O amor que enche os nossos corações é o remédio para um mal tão grande. Os ricos e os pobres partilhem o que são e o que têm. Não fechem os seus corações. Queremos construir uma sociedade humana e feliz. Deste modo, cada um de nós estará no seu lugar.

O muro para a protecção da nossa querida Casa do Gaiato de Benguela continua a caminhar e a crescer. É, sem dúvida, um dom maravilhoso que chegou, depois dalgumas dezenas de anos. Temos muita esperança nos seus frutos para o nosso bem comunitário. Todo o bem partilhado com os mais pobres e com os filhos abandonados é um fruto precioso da generosidade dos nossos benfeitores. Um dos problemas que afligem muito a nossa vida é a falta de emprego para os nossos filhos gaiatos, no momento necessário das suas vidas. O emprego é uma garantia da sua segurança social e permite a entrada de novos filhos abandonados na nossa Casa do Gaiato. Temos rapazes com a sua formação escolar, profissional e com a idade conveniente. Não podemos mandá-los para a rua, sem o emprego que lhes garante a habitação e a sua vida normal. Queremos vê-los mais felizes, no caminho normal das suas vidas. Não podemos desanimar. Vamos continuar com muita esperança na ajuda total das vossas vidas. □



Salomé, filha do nosso Jorge Alvor («Eusébio») e da Felismina, e Filipe no dia em que casaram na nossa Capela de Paço de Sousa — 28 de Setembro de 2019.

e a boa consciência aconselha, em situações de várias fragilidades.

Com o ano escolar a dar os primeiros passos, em meados de Setembro, fomos bem atendidos em nove marcações, agendadas no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras [SEF], para Agualva — Cacém. Para quando a gratuidade do *título de residência* para as crianças com *junta médica* e até os estudantes pobres dos países lusófonos (ou

outros), em especial, a quem se requer *autorização de residência permanente* ou nacionalidade portuguesa para usufruírem de plenos direitos, nas escolas?... Na Mensagem para o *Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, diante da enorme tragédia actual dos refugiados, o Papa Francisco lembrou que *não se trata apenas de migrantes* e apelou ao acolhimento sem exclusões. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt  facebook.com/Casa.do.Gaiato

www.obradarua.pt <https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/>

NIB: 0045 1342 40035524303 98
IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 19050

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

COMEÇA esta escrita por contar um episódio burlesco da quinzena.

Cheguei a Casa à hora dos mais pequenos fazerem os trabalhos marcados pelo professor e não vi nenhum na sala. Ora o que aconteceu? Uma mulher alta, com uma criança ao colo, aguardava-me. Em vez de a atender imediatamente, fui ao pavilhão pelos miúdos. Jogavam a bola com os filhos e as filhas desta senhora.

— Então? Não toma conta da sua família? Vêm para aqui distrair os meus?!

— Não sabia senhor padre!

— Não sabia? Então onde estavam eles? Não devia tê-los junto de si e a senhora tomar conta? Vêm para aqui ainda distrair os meus?!... Que a trouxe cá?

— Precisava de comprar um aparelho para este —, e apontava

para o menino —, porque ele tem asma e o médico receitou-lhe um aparelho que custa 68 euros —, e exibia-me o relatório clínico.

Na sua ideia eu dar-lhe-ia o dinheiro e ela seria livre de o comprar ou não.

— Olhe, minha senhora, vá à farmácia onde temos conta, que lhe dêem um papel carimbado com o preço e traga-mo cá que darei ordens para lho aviarem.

— Ai! mas é tão longe e eu vim a pé, sem poder!... Tenha pena e ajude-me —, e repetiu muitas lamúrias.

— Já estou a ajudá-la, minha senhora! Traga-me o papel assinado com o carimbo da farmácia tal.

Tornou a insistir e eu tive de falar alto e ameaçá-la que não pagaria o instrumento se me continuasse a moer o juízo.

Alguns dias depois, trouxe preços de outra farmácia com o carimbo.

— Não lhe disse tantas vezes que era a tal farmácia, situada em frente à praça tal?

— Ai, mais eu não percebi.

— Repeti-lhe tantas vezes! Eu não lhe posso dar o dinheiro. Não, minha senhora, eu não dou dinheiro, dou-lhe o aparelho. Volte à farmácia referida que fica em tal parte assim, assim, pois, só desta forma consegue a ajuda para o seu filho.

Mais? Aquele senhor que está além, sentado ao volante do carro não é o seu marido?

— Não!... O meu marido fugiu com uma brasileira e deixou-me com os meus filhos.

Desconfiei e fui com o carro da Casa dar uma volta e encontrei o dito ao volante de um Volkswagen, com muito bom aspecto. Não, não!...

Valeu-me que o Assana, ao ir buscar o pão, viu-a a entrar com os filhos para o respectivo automóvel e veio dizer-me.

— Sua mentirosa! Vem aqui para me enganar!

Telefonei à farmácia e no mesmo papel pus ordem para lhe aviarem o instrumento. Ela voltou a pedir alimentos mas não

lhos dei. — É para castigo. Eu sou padre por causa da Verdade, não admito mentiras. Desta vez não leva nada para se lembrar, que aqui, ninguém mente e não se admitem aldrabices.

Nós somos também educadores sociais. Castigamos com dor, mas tem de ser!

Outra, com o papel de corte da água. Cancerosa, com quatro filhos e o marido desempregado — Oh!, senhora, toda gente trabalha neste País. Vêm para cá os brasileiros e arranjam logo patrão e o seu marido porque não o encontra?

— Ele é padeiro em tal parte. O mês passado chegou à padaria, encontrou as portas fechadas sem ter qualquer aviso. Nada recebeu irá trabalhar no próximo mês.

A senhora tem uma grande mancha na cara. Já a ajudámos algumas vezes. Cortou-me o coração!... A dívida do indispensável líquido era 120 euros. Mas ligar de novo o mesmo são 49,99 euros. 50 euros menos um centimo. Recomendei-lhe que nunca mais deixasse cortar a água, que me procurasse antes!

Todas as portas se fecharam, até as da Igreja: **Não temos verba!**

Quando não há verba há cora-

ção, se este se compadece surge sempre, sempre a verba. Disso, tenho a certeza.

Passéi um cheque à companhia das águas com as contas bem afinadas para que fosse atendida imediatamente. Muito sofrem os pobres!...

Uma pequena a viver com a avó, conseguiu modo de ir estudar para o Reino Unido onde, com o seu trabalho fora das aulas, na Universidade, pagará as propinas e a estadia.

Precisava de dois mil euros. Trouxe carta de uma conferência vicentina da cidade a recomendá-la.

Eu acredito nos vicentinos, não duvido nada. O vicentino tem um coração de pobre e ama a todos. Fiado nesta certeza, dei-lhe, para a mão, quinhentos euros!

— E onde vou arranjar o resto?

— Ó menina, bata a outras portas! Há por aí vários padres e muita gente rica que a poderão auxiliar melhor que nós. Isto é quanto lhe posso dar.

Chorando desabafava: — Tenho de ir arranjar a outra quantia. Quero tanto tirar direito para amparar também a minha avó!...

— Filha!, é o que lhe posso dar, a gente tem de repartir com muitos pobres, todos os dias. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Monchique na Casa do Gaiato

PROMOVIDA pela Conferência Vicentina daquela Vila algarvia, realizou-se uma peregrinação e passeio a esta Casa.

Iniciativa que muito nos agradou por serem as vicentinas e vicentinos os animadores desta jornada.

Fizeram-se acompanhar por um Diácono, seu conterrâneo, coadjutor do pároco da referida freguesia. Uma presença eclesial que deu peso à excursão.

Preparados, pelo telefone, com a devida antecedência, quiseram saber as nossas necessidades com o senso e a generosidade própria de quem segue as regras de São Vicente de Paulo e outros Santos esquecidos dos homens, mas grandes na Eternidade.

O programa começou com a celebração da Santa Eucaristia em cujo Altar pusemos as ajudas generosas e sacrificadas da tão boa gente, mais as suas intenções.

Danilo, formado em música, veio do Porto, onde trabalha, animar a Missa e os rapazes, ao verem a nossa magnífica capela cheinha de gente, também se uniram aos cânticos da comunidade de tal maneira que extasiaram os visitantes, em número de 57 pessoas, senhoras e homens.

Trouxeram-nos a passar de mil euros, mais muita mercearia, azeite e várias especiarias próprias da sua região.

Tudo gente simples e doce em cujos corações ferve o amor aos pobres. Pessoas da cidade, em maioria do campo, habituadas à dureza da vida agrícola e incentivados pela fama provada da Casa do Gaiato.

Admiram a quinta que está linda a regozijar de grandes sementieras e plantações que iremos colher ainda neste mês de Outubro.

Admiram os animais, desde as ovelhas às vacas, passando pelos porcos e as galinhas, patos e perus, tudo bem tratadinho, e regressaram, segundo a palavra do Diácono, de coração cheio!

Tive pena de já não ter muitos exemplares do meu livro, mas prometi mandar-lhes alguns logo que esteja pronta a segunda edição.

Monchique, Vila no sopé da serra que visitei tantas vezes, para comprar mel ao Ti Zé Carcereiro, quando ia à igreja de Portimão pregar os pobres e pedir, o qual, em conversa amiga, definiu com simplicidade a sua gente: — no preço posso enganar, mas no peso ou na medida, não.

Milho

O nosso milho está pronto a ceifar e a meter nos silos, os quais são o celeiro do nosso gado.

Duas vezes ao dia o Amândio enche a máquina de dar comida aos animais, com a larga e profunda pá da retro-escavadora, misturando na dita máquina o milho com a palha luzerna ou azevém e a distribui pelas manjedouras.

É um espectáculo atraente ver as lindas vacas e as vitelas aproximarem-se do seu comedouro logo que sentem o barulho da máquina que lhes sacia a fome. Muitas despertam imediatamente, deixando o descanso, e, depois, agarram-se ao penso com um apetite devorador.

Muitas vezes vou até à vacaria para perder o stress e encontrar a calma.

A nossa quinta, como já tenho escrito, é uma verdadeira quinta pedagógica que atrai os visitantes, muito especialmente as crianças.

A produção do leite e da carne é o fim principal de toda a nossa agricultura. □

CALVÁRIO

Padre Rafael

O Zé e o Fernando todas as noites, depois do jantar, esperam que o sr. Abel prepare um dos seus chás, acompanhando-o de algum biscoito. Muitas vezes fico a contemplar como desfrutam desse momento e como o esperam em cada dia...

Há dias, não me apetecia levantar para jantar e apareceu o Zé. Chamou à minha porta e fez-me sair da cama, onde estava recostado, pegou nas muletas enquanto gesticulava com as mãos e descia: «vamos jantar, vamos jantar». E não parou enquanto não me levantei e fui com ele para o refeitório.

A sr.^a Julieta está sempre preparada para ajudar em Casa e não se importa com a dificuldade que tem para andar. Recordo um dia em que tive de ir de cadeira de rodas, como ela ajudava o nosso Mário a passá-la por um degrau — só dias depois me dei conta dos problemas que tinha para andar — ou como se preocupa com sr.^a Deolinda para não sair à rua.

E assim poderia enumerar tantos momentos onde os doentes do Calvário se convertem num exemplo, para mim, todos os dias. Uma das experiências mais positivas que estou tendo é o ser também cuidado pelos doentes e ver como se cuidam entre eles...

Eu adoraria ver o Calvário novamente aberto, de par-em-par, e preparado para receber dezenas e dezenas de pessoas doentes que não têm onde estar. Sentirem-se acompanhadas, sentirem-se úteis, aju-

dando-se mutuamente — e algo me diz, no meu interior, que esse tempo não está muito distante.

Hoje, um grupo de rapazes do Calvário saiu a passear até Paço de Sousa, para assistir à apresentação da equipa de futebol deste ano. Na verdade, é uma experiência muito enriquecedora e a vivem como se algum de nós fosse a Paris.

Quanto teremos de desaprender para voltar a aprender... □

SINAIS

Padre Telmo

PADRE Acílio, todas as quinzenas pelo O GAIATO nos leva aos Pobres. Então, nos brinda com sinais + que são, por vezes, estrondos que geram estrelas de luz!

Tão bom visitar os Pobres...

Dar uma ajuda...

Dar um conselho com carinho...

Vinde benditos de meu Pai, tive fome, tive sede, estava nu...

Sinto tantas saudades dos nossos de Malanje: mais velhos, médios e pequenos...

Manhãzinha, os que me viam, vinham a correr para me acompanhar. Tanta estima e gentileza por este mais velho! A força do amor! A verdade da família!

Meu Portugal — como estás longe da verdade quando negas as crianças às nossas Casas...

Vamos para África?!

Vamos.

O nosso Padre Rafael está melhor e sente-se bem aqui, no nosso Calvário. Ele, ainda de muletas; eu, de bengala... Todos nos tratam com carinho. Estamos na nossa família — realidade viva e palpante que Pai Américo sonhou e deu vida!

Faltas? Falhas? São nossas também as fraquezas do mundo, mas mesmo de muletas e bengala vamos com o Senhor. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Deus é zeloso; quer tudo para Si. Se as obras são nossas morrem no seu posto; se são d'Ele ficam para outros continuarem. Nem o que semeia, nem o que colhe, nem o que planta, nem o que rega, são no mundo alguma coisa, mas sim somente Aquele que dá incremento.

Pão dos Pobres, 2.º vol., p 57.